

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.533

Sexta-feira, 23 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-4, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Um administrador de fá-
lências ameaça os di-
reitos de 80 inquilinos

1923

Num país onde realmente hou-
vesse um espírito de democracia
não se suportaria nem cinco dias
uma injustiça tam revoltante.

OS INOCENTES RECLAMAM JUSTIÇA

O presidente de ministério e o governador civil prometeram regularizar o mais depressa possível a situação dos presos de São Julião da Barra

Os operários presos não pedem favores — reclamam simplesmente justiça!

O Sindicalismo e a política

Tem o sindicalismo inimigos em todas as ideias políticas. Longe de ser uma injustiça essa animosidade representa para o sindicalismo o seu maior elogio. Sempre que o ataque ao sindicalismo se intensifica verifica-se que a sua ação permaneceu do aeroporto, com a lógica dos seus métodos. Há diferentes maneiras de atacar. Os ataques menos perigosos são exactamente aqueles que são movidos com a maior violência. E' que os ataques violentos não deixam ilusões, não permitem confusões. Diantes deles, o sindicalismo torna-se aguerrido, concentra-se, fortifica-se, prepara-se para a defesa. Combatendo dessa forma o sindicalismo equívoco ao suicídio das intenções dos seus adversários. A organização operária portuguesa tem sofrido ataques violentíssimos. Basta recordar, para exemplo, os que lhe moveram Afonso Costa e Sidónio Pais. Afonso Costa caiu porque se baseava numa habilidade, o sindicalismo ficou porque assenta numa realidade. Sidónio Pais, supôs vibrar-lhe um golpe mortal. Só na aparência o foi. A organização operária resurgiu mais forte e Sidónio Pais está numa urna de vidro nos Jerónimos.

Para ganhar essa força, para adquirir métodos eficazes, experimentados pelas classes operárias nas suas batalhas ao capital, o sindicalismo teve de depurar-se da influência política. Em face da reacção a mais acentuada, como diante da etiqueta política a mais vermelha, afirmou mais do que a sua independência. Afirmou o seu antagonismo. As massas que são escravas na monarquia absoluta, ilusoriamente livres na monarquia constitucional, fingidamente soberanas na democracia, encontram-se enfim, em plena liberdade, caminhando pelas consequências da sua ação a forjar pelas suas próprias mãos, o futuro.

O povo, velha designação das tiradas românticas, a vento-ficha cômica dos dramas históricos, a

massa amorfa, sem fisionomia, sem ação própria, está bem dentro das monarquias e das democracias. O sindicalismo encontrou essa expressão vaga e química. Olhou para as realidades económicas. E' de acordo com elas que está organizado. Será ainda de acordo com elas que a sua organização hárde de evoluir. E essa evolução em vez de arredar da sua ação, torná-la-há mais apta a realizar a grande obra que no futuro lhe incumbe depois de ter suprimido o Estado e o capitalismo.

Para atacar o sindicalismo a política não recorre unicamente à violência. Recorre a outros processos que se lhe asfigoram mais eficazes. O sindicalismo é uma força tam poderosa que se torna perigoso atacá-lo de frente. E' preferível ladelo, envolvê-lo, cercá-lo por meio de hábeis manobras. A força dissimula-se em astúcia. O combate é então mais perigoso posto que menos violento.

Os monárquicos integralistas reconheceram que o sindicalismo não era fácil sucumbir aos ataques violentos. E, afirmaram-se também, sindicalistas.

Tão convencidos estavam da sua força que dentro do seu plano de restauração monárquica, o sindicalismo está incluído. Incluído, mas subordinado ao regime, colocado em métodos de ação que senda a sua forma, são também a sua essência.

O sindicalismo precisa para viver, para ser uma realidade, de ser autónomo. A sua autonomia é para ele uma questão vital. Perde-la é — a morte. A função do militante sindicalista é defender a sua autonomia; e para a defender tem de lutar contra toda e qualquer subordinação política. O militante sindicalista não pode nem deve perder de vista que o sindicalismo é independente e antagónico da política.

Pró-presos por questões sociais

O Suplemento literário e ilustrado de "A BATALHA"

Está sendo esperado com grande ansiedade O Suplemento literário e ilustrado de A BATALHA, que a partir do próximo dia 3, iniciará a sua publicação.

Temos recebido cartas de incitação que nos animam e nos servem de garantia do êxito que o Suplemento irá ter e da impressão agradável que irá causar não só nos meios operários, como no seio daqueles que amam a arte e a literatura.

O Suplemento de A Batalha será o companheiro espiritual do operário, que o ajudará a resolver os problemas de maior transcendência, que o colocarão em contacto com os trechos da mais sá literatura, que o identificará com toda a vida intelectual moderna.

Todos os operários que desejam ilustrar-se e adquirir êcência dos múltiplos amplos e opiniões mais sólidas encontrão no Suplemento de "A Batalha", que se publicará puntualmente todas as segundas-feiras a satisfação dessas legítimas aspirações.

O Suplemento de "A Batalha", que se venderá a um preço acessível, será digno de figurar nas bibliotecas dos trabalhadores estudiosos e constituirá uma fonte educativa que ninguém deva desprezar.

Comissão Central

Reúne hoje pelas 20 horas, esta comissão, para assuntos que se prendem com o auxílio a prestar aos camaradas presos.

Pró-presos por questões sociais

EM TORNO DA GREVE MARÍTIMA

Duas mizéries morais

Perante as ameaças dos armadores, o «Diário de Notícias» rasteja miseravelmente e apressa-se a atraíçoar a verdade

O povo que ponha os olhos nisto!

O documento, cujo «fac-símile» hoje publicamos, revela duas mizéries morais: a razão dos grevistas é tam flaca, tam clara, tam forte, que o de não tornar a anunciar naquele periódico. O autógrafo que publicamos é a prova iniludível dessa resolução ditada pelo rancor dos que pretendem esmagar os grevistas; é a demonstração palpável da miséria moral desses armadores.

E o «Diário de Notícias»? Que atitude tomou? A dum jornal independente que se diz órgão da opinião pública, defensor da verdade?

Não! O «Diário de Notícias», tremendo que os armadores deixassem de canalizar o dinheiro dos anúncios para os seus cofres, arrastou-se subversivo em frente dos armadores, vendeu-se, enlaçou-se, apressou-se a engraxar as botas àqueles cavalheiros, entrevistando o sr. Freitas Ribeiro, que livremente, na primeira página, bolso insidiou contra os grevistas, disse asneiras tremendas, caluniou, ameaçou quem muito bem quis.

O documento que hoje publicamos revela duas mizéries morais: a miséria dos armadores gananciosos que pretendem reduzir a fome uma classe labiaria e a miséria dum impresa venal que engana o povo, que enche as suas colunas de palavras de efeito — os interesses da pátria e os direitos do povo — e constantemente a troco dum miserável pagamento.

O povo que ponha os olhos neste facto tan característico da desmoralização da burguesia. E continue a alimentar com os seus dois testes diários uma impresa que, quando entra em sua casa, leva atrás de si, com a defesa encapotada dos homens da moagem, da finança, do roubo, um cortejo de mizéries: a carestia dos géneros, os salários mais baixos, o aumento do pão, a tuberculose dos seus filhos, a prostituição da sua mulher e traição aos seus movimentos nobres por mais farta e mais moralidade!

Ponham os olhos nisto!

Comunista

esperam que a sua situação seja regularizada rapidamente, isto é, a liberdade que a sua inocência merece

O presidente do ministério mantém as suas promessas

A sub-comissão de assistência jurídica do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade, acompanhada dum dos advogados fez ontem mais uma «démarche» junto do presidente do ministério e do governador civil para que seja definitivamenteclarecida a situação jurídica dos presos por questões sociais que não fôram ainda pronunciadas e se encontram nesta irregular situação há muitos meses. O sr. Ginalst Machado informou a comissão de que as suas declarações no Parlamento não eram simples retóricas, mas tinham sido feitas para se compreenderem, estando o propósito de se não afastar da constituição nem das demais leis da república; e que a respeito daquele assunto já falaria com o governador civil para que se regularisasse imediatamente a situação dos presos, conforme o que fosse legal. Prometeu o presidente do ministério insistir nessa recomendação e pedir ao ministro da Justiça que promova a regularização judicial dos presos que estão para julgamento, e que não tenham sido julgados por não funcionar o Tribunal de Defesa Social.

O governador civil confirmou à sub-comissão os desejos do presidente do ministério de que a lei seja cumprida e prometeu enviar todos os seus esforços para que dentro de poucos dias a situação jurídica de todos os presos fosse regularizada, sendo postos em liberdade.

Uma saudação

Na última assembleia magna realizada na Delegação Ferroviária de Beja, foi aprovada por unanimidade uma saudação aos presos, vítimas do ódio do Ag.

Os ferroviários do Sul e Sueste realizam duas importantes sessões em Faro e em Beja

Preconiza-se com entusiasmo a leitura de «A Batalha»,
órgão do proletariado de todo o país

EM FARO

FARO, 18.—Por convocação da Comissão Executiva da sede do Sindicato reúnem os ferroviários do Algarve em assembleia magna hoje, pelas 15 horas. Com uma boa assistência da qual fazem parte algumas senhoras, tomou a presidência o ferroviário Ventura Romão da Silva, chefe da estação, um dos atingidos pelas represálias de Plínio Silva, que o transferiu para a estação de Funchal como sub-chefe, secretariado por Manuel Rodrigo Coelho e Manuel Cabrita. Foram lidas muitas credenciais do pessoal da linha apoiando as resoluções a tomar.

Usou da palavra José Nogueira Madeira, como representante da Delegação de Faro. Referiu-se à atitude tomada pelos ferroviários do Algarve, com a qual se congratula, à altitude de Plínio Silva e ao último movimento de protesto definido a atíveis dos ferroviários, da ridícula figura que os engenheiros fizeram.

Martins Rosa Júnior aprecia a conduta do pessoal superior, fazendo várias demonstrações sobre as perseguições exercidas por esses individuos. Ataca os traidores da classe e põe em destaque a conduta moral de muitos deles.

Segue-se António Santos, que, a propósito do último movimento, entende que se deviam empregar meios suaves e não se fazerem protestos pela greve como o que se fez em 3 de Outubro. Depois de várias considerações faz algumas insinuações sobre os membros do comité de Faro, tendo a assembleia protestado energicamente contra a altitude do orador, havendo apartes violentos provocados pelas discordâncias da assistência com as suas palavras.

José Nogueira Madeira voltou a falar e incluiu a assembleia sobre os factos citados pelo orador anterior, repudiando algumas acusações que lhe foram feitas.

António Domingos Macau analisa também o movimento de protesto do dia 3.

Miguel Correia saluda os ferroviários do Algarve pela sua altitude no último movimento e desenvolve todos os assuntos ali ventilados.

Responde ao ferroviário Santos e clara os pontos que ele pretendeu



FARO — Vista parcial da cidade

verdadeiros escândalos. Este documento é também aprovado, manifestando a assembleia a sua indignação por estes foros de todos os trabalhadores.

Miguel Correia, refere-se à ação desenvolvida pela Delegação de Beja, dizendo haver a necessidade dum saneamento naquela área, porque a influência de certos traidores, por vezes contribuem para que não se realize um trabalho que satisfaça a necessidade da classe.

Se bem que o pessoal tivesse aderido ao movimento, é preciso que o pessoal saiba o que quer e se compreender que o momento é mais de obras do que de palavras. Faz a história do movimento de 3 de Outubro alargando-se em considerações e refere-se às inconveniências da nova Organização, documento verdadeiramente atentório do direito dumas camaradas da Delegação de Beja, ex-

plorando-se em considerações sobre o

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Reuniu este secretariado que desempenhou a variado expediente existente e analisou detalhadamente a situação dos presos, (cujo resultado veio noutro local). Em consequência das «démarches» ontem terem acabado muito tarde, não pôde um dos advogados dar a consulta como de costume e o outro advogado em Torres Vedras a tratar de um julgamento de um confederado metárgico.

Este secretariado não descançou enquanto não tratou a valer a situação dos presos sem culpa formada, podendo falar certo os presos nessas condições, e de outros que aguardam julgamento.

Classes que reclamam

Ferroviários da C. P.

Entrevistou-se no dia 20 com a ministra do Comércio a comissão eleita em assembleia magna de 5 de outubro e que tratou do conflito suscitado com as demissões do secretário geral do sindicato e relator da comissão de melhoramentos.

Novamente hoje se entrevistou com o referido ministro sobre o mesmo assunto

A OFENSIVA dos senhorios

80 inquilinos ameaçados com mandados de despejo por uma sociedade de «forças vivas».

A questão do inquilinato permanece ainda numa fase aguda. A demora vinda pelo parlamento em reconhecer os direitos dos inquilinos em face da ganância dos senhorios continua produzindo os seus detestáveis frutos causando inumeráveis prejuízos.

A ofensiva dos senhorios contra os direitos legítimos dos inquilinos, em vez de esmorecer, redobra.

Um novo caso e caso de bastante importância vem dar razão às nossas afirmações.

Cerca de 80 inquilinos representando 1000 pessoas correm o grave risco de verem os seus direitos cortados e perderem as suas habitações.

Na nossa redacção esteve ontem uma comissão dos inquilinos ameaçados, que vinha acompanhada pela maioria dos inquilinos e que nos expôs o que passa aí-se.

O sr. António Lourenço Rodrigues, administrador de falências no tribunal do Comércio, conseguiu adquirir por uma quantia irrisória um grande prédio — um dos maiores de Lisboa — situado na praça da Ribeira Nova, rua do mesmo nome e travessa de São Paulo.

Foi devido ao lugar que ocupa que o sr. Lourenço Rodrigues conseguiu arranjar um prédio de grande valor por uma quantia irrisória um grande prédio — um dos maiores de Lisboa — situado na praça da Ribeira Nova, rua do mesmo nome e travessa de São Paulo.

Por unanimidade é autorizado o Conselho a fazer a referida cobrança.

O sr. Gil ainda informa terem já iniciado os trabalhos para a primeira conferência pública sobre farinhas e pão, a qual se deveria realizar talvez no próximo domingo a 8 dias.

O sr. Carlos Maia ocupa-se de pejamento existente no distrito de Chão de Loureiro, devido a terem-se começado a demolir umas casas, obra que se encontrava parada, e que tornava perigoso o trânsito por aquela via pública.

Ficou o Conselho de se entender com a Câmara Municipal sobre o assunto.

O sr. Alberto Dias Pombal propôe um voto de louvor e reconhecimento ao governador civil, transposto pelos referentes serviços prestados a favor da assistência pública.

Depois do sr. Joaquim Gil ter informado que o ex-governador civil, sr. Lobo, tinha entregado ao concelho a quantia de 23.101\$00 destinada às cantinas escolares e de ter dado o seu aplauso à proposta apresentada é esta aprovada por aclamação.

As ações de despejo são uma verdadeira armadilha, um antíntico golpe de «apache» destinado a fulminar os inquilinos antes que seja votada no parlamento o projeto de lei que nela se encontra.

Há juízes que com a lei vigente, repelentes semelhantes pretensões. Outros há — o que avoluma o perigo e torna crítica a situação dos inquilinos — que descrever...

Os interesses de 80 inquilinos que representam 1000 pessoas vão ser expostos em holocausto ao administrador de falências Lourenço Rodrigues e aos seus cúmplices da Sociedade Imobiliária Portuguesa Limitada?

PELA ORGANIZAÇÃO

Uma conferência inter-sindical no Algarve

Em A Batalha de 20 do corrente, secção da província, alvitrava o correspondente de Portimão a realização de uma conferência dos militantes algarvios para que se tratasse de trabalhos práticos de maneira a desenvolver a propaganda de acordo com a Delegação Confederal do Algarve.

Muito bem. É um alívio que bem merece o concurso de todos aqueles que estão ligados à organização operária por estreitos laços de ordem moral. Sabemos que no Algarve a falta de militantes é muito grande, o que não é nem mais nem menos, do que a regra geral.

Mas, a nosso modo de ver, esses poucos que existem dispersos pela região algarvia, cheios de boa vontade, poderiam realizar uma obra cujos efeitos benéficos desneckelado se torna cítrar.

E é de conhecimento geral que desde o Guadiana ao Cílio de São Vicente, existem centros operários relativamente grandes, como Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro, Loulé, Silves, Portimão e Lagos.

Temos Loulé e Tavira que não possuem um único organismo operário, enquanto que nos outros centros o que existe é pouco e mau, podendo mesmo afirmar-se que a organização operária no Algarve, está em completa decadência. Não temos ilusões; não nos enganemos a nós próprios; a verdade acima de tudo.

Em face da realidade dos factos, só um caminho resta àqueles que tem compromissos morais ligados ao movimento operário: a realização imediata de uma Conferência Inter-Sindical no Algarve que dê uma maior vitalidade à Delegação Confederal para que ela bem se desempenhe da missão para que foi criada e que dê uma maior homogeneidade na organização operária desta região.

Esperamos, pois, que todos os camaradas, militantes ou não militantes, se pronunciem sobre tan melindrosos assuntos, que reputamos de vida ou de morte, da organização operária no Algarve.

José VIEIRA
(operário sindicalizado)

Coliseu dos Recreios

Hoje — A's 21 horas (9 da noite)

Grande e sensacional espetáculo da COMPANHIA DE CIRCO

o maior assombro da actualidade

JUDEX

As últimas novidades mundiais

O espetáculo mais barato de Lisboa

FAUTEUILS desde 6\$00

GERAL 2\$00

BILHETES A VENDA

Coliseu dos Recreios

Hoje — A's 21 horas (9 da noite)

A'MANHA: Sábado, 24 DEFINITIVAMENTE no APOLO

Primeira representação
da revista em 2 actos e 10 quadros

VIDA AIRADA

Original de Alvaro Machado e Xavier de Magalhães, música de António de Menezes, coreografia de M. M. Ribeiro, Renda, Serra & Amâncio, Rogério, Machado & Del Barro, Guarda roupa de Valverde.

BILHETES A VENDA

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas: Nada vos tem feito oscilar na luta para que fôtes lançados desumanamente, e para tal tem usado de todos os truques os armadores para vos fazer render pela fome, mas improvavelmente tem sido os seus esforços.

Nas suas entrevistas concedidas aos jornais, tem manifestado descaradamente, como se vê ainda pelo Diário de Lisboa em que afirmam que em Setembro último nos tinham cedido parte das nossas reclamações.

O sr. Alberto Cabral pede que o Conselho Central se avise com o comandante da polícia a fim de lhe pedir o conveniente policiamento das ruas da cidade.

O sr. Joaquim Gil depois de declarar que seria satisfeito o pedido, em nome do Conselho Central, pede autorização para o mesmo Conselho ser autorizado pela assembleia a solicitar o lançamento e cobrança do adicional de 3% sobre as contribuições predial e industrial respeitantes aos anos de 1924 e 1925 e assim declara que o tesoureiro do Conselho receberá já a importância de 2.000\$00 proveniente da cobrança do referido adicional referente aos meses de Julho, Agosto e Setembro últimos.

Todas estas forças expedidas até à data seriam excusadas se os armadores fossem um pouco mais humanos, mas já que nos atiraram ao combate, aqui encontramos, e só nos refiramos quando elas se rendam à evidência.

Não é isto fantasia!

Não se deve brincar impunemente com a miséria de milhares de marítimos que justamente pedem mais pão para si e para os seus.

Pois apesar da precária situação económica dos marítimos, a greve continuará por vontade dos armadores.

Camaradas: Confiai, pois, na justiça das vossas reclamações porque o triunfo de ser certo.

Saudade, Coragem e Firmeza.

O Comitê

Em benefício dum a escola

O Grupo Dramático «Instrução e Liberdade», de Giesta, realiza no domingo, pelas 10 horas, um espetáculo em benefício da construção dum edifício para a instalação da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da mesma localidade.

Nesse espetáculo, que se efectua no teatro Casino do Monte (Senhora da Hora), representar-seão o drama social em três actos «Os Mártires do Trabalho» e a comédia em um acto «Cantata com as mulheres».

A comissão apela para todos os camaradas e amigos para que prestem a sua solidariedade, assistindo ao espetáculo, contribuindo assim para uma obra valiosa que muito auxiliará a propaganda libertária.

Os bilhetes podem ser procurados das 15 horas em diante.

LEIAM:

CONCEPÇÃO ANARQUISTA DO SINDICALISMO

por NENO VASCO

Preço 2\$00, pelo correio 2\$40 —

'FREI SANGUE'

Novela de M. Duarte Lopes

Com autorização do ilustre crítico literário de A Batalha, meu pressado amigo Julião Quintinha, espirito scintilante e dedicado de artista, venho dizer que o que pareceu a novela de M. Duarte Lopes, Frei Sangue.

Nunca me foi tão fácil expor a minha opinião sobre o opúsculo que acabei de ler dum fólego.

Frei Sangue, tem uma linguagem simples e a ideia que serve, embora tratada com uma certa dose de ingenuidade, significa qualquer coisa de altruísta e de redentor, neste marasmo de depreciações, nesse tumulto de vanglorias e de vaidades pueris. Não há na novela de Duarte Lopes, inquietismo ou incidentes a revolta, mas há uma clara visão dum auctoridade doutrinária, um credo social, que só pode ser cimentado sobre muito sangue generoso, porque a opressão não só assim a golpes de lógica ou a imprensa.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo.

Não devem, pois, faltar a esta reunião os rapazes do picanço, porque é de prever que atraça a maior parte de quem se interessou por este espetáculo

CRÓNICA DO PORTO

Scenas da horrível miséria

D. Beneficência Oficial e D. Filantropia Particular
— dois espantalhos que para nada servem

PORTO, 20. — Por muito que não queiramos tocar em coisas tristes — os factos encarregam-se de nos coagir a que delas tratemos. E' o que presentemente nos sucede...

Novamente se volta a falar na necessidade imperiosa de se *salvar* a vida pública; quere dizer: na necessidade reconhecida de se por em prática a repressão da mendicidade, a remoção do *entulho* indigente para as imundícies do Aljube...

E' a D. Beneficência Oficial, de braço dado com a D. Filantropia Particular, que, pela milioníssima vez, veem visitar o Porto... E como a sua chegada já se faz anunciar, os sensíssimos apóstolos vão desfilar o seu snobismo irritante, principalmente aqueles *beneméritos* que todos os anos, pela consagração do nascimento do *dóce* rabi, costumam escolher um pseudônimo revolucionário com que acobertam a sua dádiva, de alguns contos, para os pobres, provenientes de muitas lágrimas que durante trezentos e tantos dias fizeram chorar a muitas das suas operárias e operárias...

Sim, fala-se, já que se aproxima o dia da Festa da Família, em varrer os farrapos humanos, que se aglomeraram pelas sujas ruas da cidade, para as *entulheiras*... benéficas...

E nós, então, pomo-nos a pensar naqueles gritos dilacerantes, desesperados, téticos, que, de quando em vez, ouvimos quando atravessamos a ponte, vindos do lado de *Vila Nova*... As vezes de noite, tornando ainda mais sinistros aqueles berros alegres a ecoarem no espaço encerrado...

E nós, então, entristecemo-nos por saber que aqueles gritos, que aqueles berros nocturnos, arripiadores, se desprendem de roupas garrigas de um doido ou de uma doida que atiraram para os *in-paços* do Aljube, em vez de conduzirem o doente para o hospital próprio em procura de um tratamento conveniente...

E nós, então, ainda mais emocionados ficamos e mais revoltados nos sentimos contra a hipócrita farfalhice caridosa — por nos chegar ao conhecimento que a viu dum camaraço, que morreu dando o seu esforço pelo desenvolvimento da organização sindicalista, anda por aí errante, enlouquecida, açoitada pelas vaias estupendas do rapaz e pela implacável grosseria dos adultos...

Essa mulher, essa viuva, essa alienada, mercê das perseguições de um senhorio, que a pôz fora de casa logo que seu marido faleceu, e, devido à miséria que a assolou — era a companheira do militante Manuel Francisco de Pinho, esse espírito revoltado por consciência, esse entusiasta que se tornou uma das principais almas da antiga, histórica, pelos seus movimentos revolucionários de reivindicações materiais, morais e sociais, Associação dos Tecelões Mecânicos do Porto...

Quem é que se não lembra, especialmente os militantes antigos, de Manuel Francisco Pinho — essa criatura que, devido ao seu espírito combativo, ao amor que dedicava à sua classe em especial, e às outras duas modos

LISBOA NA RUA

Desastres

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de São José deu ontem entrada António Marques Ramiro, de 18 anos, trabalhador, residente na ruas Fontainhas, 20, 1.º, que tentou suicídio, fendo por uma caixa de gasolina ficando ferido no joelho direito...

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José deu ontem entrada Mercedes Ferreira Mesquita, de 14 anos, filha de José Mesquita e Maria Catarina, residente em Setúbal, na rua Francisco José Mota, 8, 1.º, que aproveitando a ausência dos pais, pegou numa pistola que estava sobre uma mesa a qual se disparou indo o projéctil atingir-lhe no morte súbita.

No banco do hospital de São José receberam ontem curativo, Guilhermina Durão, de 55 anos, doméstica, residente na rua Carvalho Freirinha, 5, 1.º, em Cacilhas, que na sua residência no entregar uma pistola a seu irmão Manoel Francisco da Cruz, de 58 anos, comerciante a arma disparou-se indo a bala atingi-la no pescoco, depois de o ter ferido também na mão esquerda.

Ambos receberam curativo no referido banco sendo a ferida, depois de radiografia, transportada num automóvel da Cruz Vermelha à Casa de Saúde de Benfica onde foi operada pelo dr. Sábio Pereira.

Queda

Na enfermaria de Santo António deu ontem entrada Ventura da Costa Ribeiro, de 23 anos, agricultor da Companhia Caminhos de Ferro Portugueses, residente na rua dos Remolares, 7, 3.º D., que na estação de Alverca deu uma queda ficando ferido nas costas.

a mãe e designando com orgulho ao estrangeiro uma menina de oito anos de uma formosura maravilhosa; em honra da nossa avó Siomara, tam linda como valiosa, dei eu o mesmo nome a esta minha neta.

E' uma criança encantadora, disse o desconhecido olhando para o rosto da pequena Siomara. Certamente que será tam valorosa como a avó, porque já tem a formosura dela.

Hénry, a mãe da menina, corou de prazer ao ouvir estas palavras, e disse a Mamm'Margrid sorrindo-se:

— Eu não me atrevo a censurar Guilherm de a ter interrompido, porque se não fôr isso não ouviria agor a um tal elogio.

— Ele é para mim tam prasenteiro como para ti, minha filha, disse Mamm'Margrid, e começou desta forma a sua história:

«Minha avó chamava-se Siomara; era filha de Rouan. Seu pai tinha-a levado consigo ao baixo Languedoc, onde fôr comerciar. Os gauleses daquela terra preparavam-se para a expedição do Oriente. O chefe deles, chamado *Oriagon*, viu minha avó e casou com ela. Siomara partiu com seu marido para a expedição do Oriente. Esta ao princípio triunfou; mas os romanos, sempre invejosos das possessões gaulesas, atacaram nossos avós. Num déstes combates, Siomara, que, sempre inspirada pelo seu dever e pelo seu coração, acompanhava Oriagon a batalha, no arro de guerra, foi, durante o combate, separada do esposo, feita prisioneira e entregue à guarda de um oficial romano, avaro e dissoluto. Este romano, captivo da grande formosura de Siomara, tentou seduzi-la; porém ela dispersou-o. Então, abusando do sono da captiva, violentou-a...

— Ouves? Joel, exclamou o desconhecido com indignação, ouves?... foi um romano, a avó de tua mulher sofrer semelhante ultrage!

— Escuta o fim da história, amigo hóspede, disse Joel, e tu verás que Siomara vale tanto como a gaulesa do Rheno.

— E depois desta narração, Mamm'Margrid continuou a falar na roca.

— Não te dizia eu, amigo, exclamou Joel, que Siomara, a avó de Margrid, valia tanto como a tua gaulesa das margens do Rheno?

— Se um nome tam nobre não deve dar a felicidade que eu desejo à minha querida filhinha? acrescentou Guilherm beijando ternamente a loura cabeça da criança.

— Essa varonil e casta narração é digna dos lábios que a pronunciaram, disse o estrangeiro. Prova ela

A BATALHA

"A BATALHA" NA PROVÍNCIA — E NOS — ARREDORES

VIAGENS DE PROPAGANDA

EM CASTELO BRANCO

O que foi a visita da Delegação Confederal — Uma esplêndida conferência do sr. José Cardoso — Os operários devem curar os seus interesses

geral, fôr alvo do mais encarniçado «boicote» dos industriais — passando, toda a sorte de privações, mas já-mais abdicando dos seus princípios, já-mais desfazendo a sua fé revolucionária, até que a morte, aposando-se do seu organismo enfraquecido por tanto trabalho em prol da organização, o prostara para sempre?

Pois é aquela que fôr companheira de Pinho, e que tanto o acompanhou nas suas lutas sociais, que agora anda para aí os pontapés da brutalidade pública. Perdidamente o companheiro, agravada a sua miséria com as dívidas provenientes da doença que lhe arrabatara o esposo, a braços com a insuficiência dum salário que penosamente auferia num trabalho explorado; abandonou quase por completo — perdeu a razão, abandonou os filhos que antes tanto acariciara e principiou de vagar, ao acaso, sem norte, praticando, ao coméço, alguns distúrbios — o que lhe valia a polícia martirizá-la com sôcos, pontapés e outras blandícias...

A princípio podia, a excellentíssima caridade oficial, a excellentíssima beneficência pública ou particular, qualquer *Tolstoi*, enfim, de anual Filantropia pelo Natal talvez um dos que ajudou a perseguir atrocamente Manuel Pinho — esforçar-se por intervir a vítima no Hospital Conde Ferreira — porque talvez ainda estivesse em tempo de voltar a readquirir as suas facultades mentais...

Mas não: onde a doente, a perseguida da sociedade e da selvageria de um povo supinamente estúpido, tem mais de uma vez ido parar, tem sido ao Aljube... para honra e proveito de todos as caridades e caridosos que, de novo, nos anunciam uma estrondosa exhibição e uma no menos estrondosa varredura...

Estando prestes a efectuar-se a referida remoção do entulho indigente, é certo que a infeliz viuva do saudoso Manuel Francisco Pinho, popular, adornada de farrapos que não conseguem encobrir por completo a nudes do seu corpo — já um tanto tolerada pela polícia, lá irá, mais uma vez, fazer uma viagem de *curas* até... ao Aljube... E com elas, outras nas mesmas condições...

Depois, quando passarmos na ponte, à noite, em direção à vila de Oaia, já escutaremos aquelas ecos tristes, desesperados, dilacerantes, que se vão sumir, lá longe, após nos haver cedido toda a dor humana que nos faz cravar os nervos de raiva...

Os leitores não estão lembrados que o político que presidiu, em Janeiro de 1916, no ministério, declarou peremptoriamente, que é preferível que os alienados estejam presos a andarem soltos pelas ruas — por uma questão de economia para com os hospitais e de poupança de trabalho arios de reivindicações materiais, morais e sociais, Associação dos Tecelões Mecânicos do Porto...

E logo não é para admirar — que se varra tudo... para o Aljube, que é fáscina e remédio fácil. E para complemento... a morte proposta... Acabou-se...

Oh! sociedade! como estás rodeada de tantos intrujões! como precisas ser amarrada pelas ruas revoltadas das vítimas, escravando-te no solo das tuas praias!

Seguimos com atenção o panorama que os primeiros raios solares traçaram

Quiz o acaso que a Delegação Confederal de Propaganda das Beiras tivesse conhecimento do 12.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Castelo Branco. E, interpretando, este organismo, a missão, que também aproveitar o momento para infiltrar no espírito dos trabalhadores, daquela localidade, a propaganda associativa.

Na estação de Castelo Branco esperava-nos o camarada José Vilhena, espírito franco e dedicado, esteio da organização operária daquela cidade que, num abraço nos demonstrou que, por vêr que um grupo de vinte operários, à vanguarda nos arborizados e nos vales cultivados com algum método, sendo interrompida esta nossa observação pelo dito, mais ou menos, engravidado, de alguma camarada que nos acompanhava na viagem.

Ficou assim resolvido e, às 19 horas o camarada Vilhena fez a apresentação do sr. José Cardoso, distinto professor de Liceu, criatura indigitada para fazer a conferência.

E traz a nossa pena para transportar ao papel a impressão que causaram as palavras francas e sinceras do distinto professor.

Ele demonstrou a todos a assistência, composta por operários, senhoras e alguns estudantes, a necessidade da existência da organização operária, salientando o seu grande esforço pela ilustração dos seus componentes,

pois via-o através dos jornais operários que curavam os liceus em universidades,

que não sendo redigidos por criaturas

que curavam os liceus em universidades,

que se apresentavam feitos com muita

correcção e literatura, citando para exemplo o jornal *A Batalha*, do qual era assinante.

Depois de aconselhar todos os operários a ingressarem nos seus respetivos sindicatos profissionais, repto a assistência a contradição.

Terminada a conferência principia sessão solene, usando em primeiro lugar da palavra o camarada José Maria

ocasião em que não se conseguiu fazer a sessão também por falta de assistência. Mas, uma coisa nos levava a não desanimar: a realização de uma conferência e de um sarau dançante.

Ficou assim resolvido e, às 19 horas o camarada Vilhena fez a apresentação do sr. José Cardoso, distinto professor de Liceu, criatura indigitada para fazer a conferência.

E traz a nossa pena para transportar ao papel a impressão que causaram as palavras francas e sinceras do distinto professor.

Ele demonstrou a todos a assistência, composta por operários, senhoras e alguns estudantes, a necessidade da existência da organização operária,

salientando o seu grande esforço

pela ilustração dos seus componentes,

pois via-o através dos jornais operários

que não sendo redigidos por criaturas

que curavam os liceus em universidades,

que se apresentavam feitos com muita

correcção e literatura, citando para exemplo o jornal *A Batalha*, do qual era assinante.

Depois de aconselhar todos os operários a ingressarem nos seus respetivos sindicatos profissionais, repto a assistência a contradição.

No final foi tirada uma voz a favor

dos pressos por questões sociais, e levantaram-se vivas à classe trabalhadora de todo o mundo e aos jornais operários.

Delegado da D. C. P. B.

CEZIMBRA

21 DE NOVEMBRO

Injustiças

Há dias, na delegação marítima desta localidade, o sr. Francisco do P. B. Pinto apresentou queixa contra o sr. Joaquim dos Reis, mandador geral da Armação Roquette & C.º, porque a

regrada que quer forneceu por aquele.

Há dias um cabo de infantaria da guarda, multou em Cacilhas uma mulhersita por ter na sua umas 2 ou 3 gaiolas.

Tudo isto estava muito bem. O guarda tinha autoada uma criatura que tinha transgredido uma postura municipal. Mas eis que passa pelo mesmo cabo, um guarda fiscal que adiante de si trazia um grande rancho daqueles animais.

Pois é que imaginam que fez o cabo.

Nada mais, nada menos, do que fechar os olhos, e não se importar com quem ia transgredindo a postura municipal que tinha dado pretexto à autuação da pobre mulher. O guarda fiscal não lhe disse que o cabo era republicano que de quando em vez também executava tal serviço.

E assim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc., e em breve novos autores serão incluídos no nosso anúncio.

Asim já hoje a seção de livraria

conta com obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Alexandre Herculano

SECÇÃO DE LIVRARIA

"A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquíá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância; daí a necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos \$500. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$600.

Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Social Sindicalista	3800 5650
Antonelli, — A Rússia bolchevista	3800 2680
A Comuna:	
A maçonaria e o proletariado	630 643
Porque não creio em Deus	1800 1820
O Proletariado Histórico	673 1803
Agência Lux:	
O Socialismo e os intelectuais	630 660
Bolshevique. No sentido em que somos anarquistas	630 660
Carlos Rates. — A ditadura do Proletariado	630 670
Chapéu. — Porque, na crise, o que é de fato?	1800 1820
Ceiso Ferraria. — Os partidos políticos	2000 2400
Chusca. — Come não ser anarquista?	630 660
S. Alberto. — O amor livre.	3800 5640
Comunismo. — Contra as confusões	630 660
Dufour. — O sindicalismo e a proximidade revolucionária (2 vol.)	5600 5660
Enrico Bossi. — Cristo, mundo e Deus (2 vol.)	4800 4860
Eduardo (2 vol.)	4800 4860
Eliseu Pernot. — A evolução legal e a anarquia	630 660
Elisabacher. — O anarquismo	4800 4860
Elevante. — A minha doutrina.	630 660
G. Williams. — Retórica dos delegados da F. S. V. de Moscou	630 660
Gladiador. — A questão social no Brasil	630 660
G. O. M. — Procriação colectiva	630 660
Gustavo Molinari. — Problemas sociológicos	2000 2400
Gustavo Le Bon	
As primeiras consequências da guerra (2 vol.)	4400 4460
Estudos psicológicos da guerra europeia (2 vol.)	4400 4460
Guyau. — Ensino dum anarquista originário num sampaio	630 660
Educador e Hereditariade	2400 2650
G. V. — A confederação da Paz e a sua origem	3800 5690
Ações da guerra mundial	5600 5690
O movimento operário na Grã-Bretanha	5600 5690
Psicologia do socialista-anarquista	630 660
A Crise do Socialismo	630 660

Pelo correio